

Especialistas em assuntos africanos concluem

“Ataques em Cabo Delgado revelam problemas locais”

11 de Dezembro de 2018

(Maputo) Mais do que ‘jihadismo’ ou motivações puramente religiosas, os ataques no norte do país revelam problemas locais ligados à pobreza e assumem uma lógica de “revolta popular”, defende o especialista em assuntos africanos Eric Morier-Genoud.

Manifestando “muitas dúvidas” sobre quem está, de facto, envolvido nos ataques, o investigador da Queen’s University de Belfast (Irlanda) considerou que o problema é sobretudo local. “Parte dos insurgentes poderão ter uma agenda religiosa, mas não é semelhante ligado ao Al-Shabab [grupo terrorista islâmico que atua sobretudo no sul da Somália] ou ao Estado Islâmico. Ninguém sabe ao certo se há ligações com um ‘jihadismo’ que vem da costa do norte de África ou de outro lado ou se é um levantamento popular.

O próprio governo tem declarações contraditórias sobre o assunto e referiu que estamos que estamos a assistir a problemas de criminalidade.

Os atacantes também não fazem declarações públicas”, comentou o académico. Para Eric Morier - Genoud poderá estar em causa um movimento de revolta popular que ganhou “dinâmica” após o ataque inicial de uma “seita” islâmica radical a Mocímboa da Praia, em Outubro de 2017, em que morreram dois polícias e 14 atacantes. “Sabemos o que aconteceu em Mocímboa da Praia, uma seita foi reprimida e atacou a cidade.

Este foi o primeiro acto público com uma agenda religiosa, mas a seguir a situação evoluiu, é muito possível que essa seita tenha começado um movimento associado a outras dinâmicas”, declarou o especialista em História de África e mundo lusófono, à margem da conferência Missionação e Poder Colonial em Angola e Moçambique no século XX que decorre hoje (ontem) em Lisboa.

Descrevendo os ataques como “uma estratégia típica de guerrilha”, Eric Morier - Genoud considerou que o governo deve desenvolver uma “estratégia anti- -guerrilha” para combater os insurgentes, ao contrário da resposta “puramente policial e militar” que deu, enviando “tropas

insuficientemente preparadas” que já suscitaram denúncias de abusos por parte de Organizações Não Governamentais.

O investigador apontou a “ insatisfação” da população como uma das causas do desenvolvimento da insurreição, assim como problemas de terras e tensões sociais na zona. Em Cabo Delgado, “a população vive na pobreza, sobretudo nas áreas rurais, e esta pobreza cresceu nos últimos anos”, em simultâneo com a desilusão face às expectativas de desenvolvimento económico criadas pelo Governo à exploração de gás natural no território.

A onda de violência no norte do país ganhou projeção mediática após o ataque de Mocímboa da Praia e desde então foram noticiados dezenas de ataques que provocaram a morte a cerca de 100 pessoas, de acordo com números oficiais. **(Lusa)**

mediaFAX nº. 6709 - Pág. 6